

Doentes enfrentavam sangrias e exorcismos

No arsenal de terapias do século XVIII, as sangrias, aplicações de ventosas e sanguessugas e lavagens intestinais eram comumente utilizadas pela medicina acadêmica. Os médicos acreditavam que essas eram as melhores maneiras de se tratar doenças como varíola e febre amarela, comuns no Novo Mundo. Segundo eles, só assim era possível combater “a podridão e a pestilência”.



Os primeiros tratados escritos sobre o assunto no Brasil são de autoria de três médicos radicados em Pernambuco na virada do século XVII para o XVIII. O primeiro deles, “Tratado Único das bexigas e sarampo”, foi publicado em 1683, pelo médico Simão Pinheiro Mourão, baseado na obra do alemão Daniel Sener-

tus, “Epitome institutionum medicinae et librorum de febribus”, de 1635.

Em seguida, foi lançado o “Tratado único da constituição pestilencial”, de Ferreira da Rosa, de 1694, inspirado na “Prática de barbeiros”, do cirurgião português Manuel Leytan, de 1693. A terceira obra é “Notícias do que é o achaque do bicho”, de 1707, de Miguel Dias Pimenta.

Em todos eles a sangria, o uso de sanguessugas e a lavagem intestinal eram recomendados como tratamento para praticamente qualquer doença. No caso da sangria, deveriam ser aplicadas no máximo duas vezes por dia com cortes nos braços ou nos pés, dependendo da natureza do mal.

Já as sanguessugas deveriam ser importadas de Portugal, uma vez que os animais brasileiros não tinham a capacidade de su-

gar sangue considerado ideal. A lavagem intestinal era recomendada nos casos de achaque do bicho, ou seja, disenteria bacteriana.

Outra das formas de se alcançar a cura catalogada pela pesquisadora Márcia Ribeiro foi descrita pelo religioso Angelo de Sequeira, em sua “Botica preciosa e o tesouro precioso da Lapa”, editada em Lisboa, em 1754. Era um esconjuro ao demônio e uma reafirmação de fé em Jesus Cristo.

O exorcismo, no entanto, era estrita prerrogativa da Igreja, sendo tal prática rigorosamente vedada a leigos. Curandeiros ou benzedeiras que incorressem em tal delito eram alvo de punições. Durante o século XVIII não foram poucos os escravos, caboclos e rezadeiras condenados por bruxaria e invocação blasfema do poder divino.

REMÉDIOS DA COLÔNIA

PICADA DE COBRA: o melhor remédio era pó de corno de anhuva feito dos esporões que essa ave do Pantanal tem no dorso e na testa. Outra opção era aplicar pó feito de bofe (membrana interna do estômago) de ema sobre o ferimento.

RESSACA: o remédio era tomar pó de cabeça de carneiro (com lâ, ossos e dentes), misturado com cabelos humanos e fígado de enguia. Os ingredientes eram torrados numa panela de barro. O pó era ingerido misturado a vinho.

CALVÍCIE: o extrato de gordura humana acumulada na região renal de um cadáver — de preferência de um condenado à morte por esquartejamento — era usa-

do como unguento sobre a cabeça raspada com navalha quatro ou cinco vezes durante um mês.

DOR: para dores em geral se tomava chá de sementes de bicuíva, uma planta comum no Rio de Janeiro de então.

PICADA DE ARANHA: esfregava-se uma orelha de onça sobre o ferimento.

VERMINOSES: tomava-se chá de angélica, uma planta popularmente usada ainda hoje com a mesma finalidade.

DIARRÉIAS: chá de ipecacuanha, planta até hoje usada pela medicina popular.